

MUSEU GOELDI NOS JORNAIS DO SÉCULO XX: RELATOS SOBRE A COMUNICAÇÃO DA CIÊNCIA NA AMAZÔNIA

Goeldi Museum in the pages of the local press: reports on science in the Amazon in the twentieth century

Antonio Carlos Fausto da Silva Júnior*
Jimena Felipe Beltrão**

RESUMO

O texto busca analisar a cobertura da mídia impressa de Belém sobre o Museu Paraense Emílio Goeldi ao longo do século XX para contar parte da história da instituição. Eis o objetivo deste artigo, em que recorreremos à Semiologia e à Análise do Discurso para estudar o que foi dito e como foi dito sobre o Museu nos jornais *Folha do Norte* e *A Província do Pará* entre os anos de 1930 e 1980, em períodos importantes para a história institucional. A partir da análise de 176 textos jornalísticos, constatamos que o contexto institucional reverbera na agenda midiática, convertendo essas notícias em fontes documentais sobre a vida da instituição. Uma relação secular entre mídia e Museu, que atende à demanda social por conhecimentos sobre a Região Amazônica. Assim, ao contar a história do Museu na mídia do século XX, contamos também um pouco da história da ciência na Amazônia.

* Bolsista do Museu Paraense Emílio Goeldi pelo Programa de Capacitação Institucional (PCI/CNPq/MCTIC), no período de outubro 2015 a maio de 2017, lotado na Coordenação de Pesquisa e Pós-Graduação (COPPG), Avenida Perimetral, 1901, Terra Firme, CEP 66077-530, Belém – PA. Mestre em Ciências da Comunicação (UFPA, 2015). *E-mail*: antoniofaustojr@gmail.com.

** Analista em Ciência e Tecnologia do Museu Paraense Emílio Goeldi. Editora do Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas. Doutora em Ciências Sociais, área de concentração em Comunicação. *E-mail*: jbeltrao@museu-goeldi.br

Revisão da ABNT e do texto: Fábio Bezerra Lima

Submetido em: 3.3.2018

Aceito em: 9.5.2018

Palavras-chave: Museu paraense Emílio Goeldi. Jornalismo. Divulgação científica. Ciência. Amazônia.

ABSTRACT

Analysis of the Belém press coverage on the Museu Paraense Emílio Goeldi. Thus, the article recounts the history of the oldest scientific institution in the Brazilian Amazon through a semiology a discourse analysis. The objective is to reveal what and how the Museum appears in the pages of *Folha do Norte* and *A Província do Pará* between the 1930s and 1980s. The investigation involves 176 news and indicates how institutional life appears in the pages of local newspapers. News are undisputedly documental source of information and, in the case of the Goeldi Museum, reveals a century-old relationship. By recounting the institutional history present in the newspaper, it has also been possible to recount a part of science history in the Brazilian Amazon.

Keywords: Museum Emílio Goeldi. Journalism. Scientific divulgation. Science. Amazon.

Um século e meio de história

Em 6 de outubro de 2016, o Museu Paraense Emílio Goeldi instituição de pesquisa sediada em Belém – PA, completou 150 anos. Sesquicentenário que se confunde com a trajetória da produção de conhecimento científico na Amazônia, posto que foi o primeiro museu de ciências da região e o segundo do País. Tradição não falta a esse museu, devotado às gentes, aos animais e aos ambientes da Amazônia em agenda de pesquisa instituída no final do século XIX pelo zoólogo suíço Emílio Goeldi, de quem a casa herdou o nome.

Pesquisa, aliás, é uma das três funções identificadas por Chagas (1998, p. 49) na caracterização de um “princípio de identidade dos museus”, composto também pelas funções de *preservação* e *comunicação*. O ideal para os museus, segundo Chagas (1998), seria o equilíbrio entre três funções, o que não impediria os gestores de priorizar, estrategicamente, uma delas em vista do contexto institucional, o que faz dos museus instituições historicamente condicionadas, que ganham vida graças às ações dos sujeitos que neles atuam. (CHAGAS, 2005). Com o Museu Paraense Emílio Goeldi, não seria diferente. Agendas institucionais distintas se revelam quando estudamos a história desse Museu a partir de fontes documentais, incluindo jornais impressos.

Reconhecidas fontes documentais, os jornais revelaram-se essenciais ao preenchimento de lacunas de conhecimento sobre a trajetória do Museu Goeldi. (SEIXAS, 2000; BELTRÃO, 2013; MORAIS, 2013a, 2013b). Nesses 150

anos, o Museu foi abordado pelo discurso midiático em diversos aspectos, em cobertura tão plural, do ponto de vista temático, quanto a instituição de pesquisa que a inspirou.

O registro midiático da trajetória institucional se dá desde o final do século XIX e começo do século XX. Exemplo disso é a inauguração dos monumentos de Ferreira Penna, criador da instituição, e dos naturalistas bávaros Karl Friedrich von Martius e Johann Baptist von Spix, nos jardins do então Museu Paraense, em 1908, que ganhou a primeira página dos jornais *A Província do Pará* e *Folha do Norte*. (SANJAD, 2010).

Este artigo analisa a produção jornalística da *Folha do Norte* e de *A Província do Pará* acerca do Museu Goeldi, em período compreendido entre as décadas de 1930 e 1980.¹ O recorte temporal inicia com o Museu Goeldi em decadência, após um *boom* desenvolvimentista proporcionado pela gestão de Emílio Goeldi e sucedâneos, com financiamento do comércio da borracha. (LEITE, 1993). Período marcado pela aparição tímida da instituição na imprensa, voltada principalmente ao parque Zoobotânico.

Já nos anos 1980, o Museu surge com feição mais diversificada nas páginas dos jornais, que cobrem desde o parque Zoobotânico até as ações de divulgação científica e de políticas de Ciência & Tecnologia (C&T).² Esse contexto caracteriza o que Verón (2004) denomina “condição de produção discursiva”, quando as conjunturas social, política, econômica e cultural concorrem para a determinação dos discursos acionados e, conseqüentemente, dos que serão silenciados (ORLANDI, 1997) – afinal, os museus são espaços de memória, mas também de esquecimento. (CHAGAS, 2005).

Apresentamos breve histórico do Museu Paraense Emílio Goeldi entremeado com a análise dos discursos sobre a instituição na *Folha do Norte* e em *A Província do Pará* à luz da Semiologia, teoria sobre o processo “que vai da produção do sentido até a ‘consumação do sentido’, sendo a mensagem o ponto de passagem que sustenta a circulação social das significações” (VERÓN, 2004, p. 215-216) – ou seja, sendo a mensagem o discurso, que é a materialidade simbólica da comunicação. (FRANÇA, 2001).

A Análise do Discurso integra o referencial teórico-metodológico, pois possibilita inscrever a língua na sua relação com a história. (BRANDÃO,

¹ Período cujas edições dos jornais estão microfilmadas e disponíveis para leitura na biblioteca pública Arthur Vianna, da Fundação Cultural do Pará, onde as notícias analisadas neste trabalho foram coletadas.

² Esse termo, até então, envolvia apenas os aspectos de Ciência & Tecnologia, sendo o conceito de Inovação incorporado nos anos 2010, gerando a sigla CT&I. Contudo, como C&T era a sigla em vigência nas décadas de 1980, 1990 e 2000, esse será utilizado quando concernente a esses períodos.

³ Com “notícia”, estamos nos referindo aos textos de caráter informativo, no geral, publicados na *Folha* e em *A Província do Pará*, abrangendo tanto as notas quanto os textos de conteúdo mais extenso.

2007). Além de identificarmos o que – e como – foi dito sobre o Museu Goeldi nos jornais, também buscamos caracterizar padrões de produção de notícias³ na *Folha* e em *A Província* no século XX. Temos, assim, a história do Museu na mídia, já abordada em estudos recentes, desenvolvidos entre 2002 e 2009, na própria instituição, com o intuito de estudar a divulgação científica a partir da cobertura sobre o Museu Goeldi e temas de Ciência & Tecnologia (C&T), além de formar recursos humanos qualificados para a comunicação de ciência na Amazônia. (BELTRÃO, 2013; MORAIS, 2013a, 2013b; SILVA JÚNIOR, 2013).

Temos, assim, a repercussão midiática de uma agenda institucional voltada à pesquisa, à preservação, à educação e à comunicação, que privilegiou, em determinados contextos, uma dessas funções. Exemplo disso é o forte viés de divulgação científica que caracteriza a cobertura de *A Província do Pará* sobre o Museu nos anos 1980, função de comunicação (CHAGAS, 2005) que a instituição só pôde exercer depois de adquirir autonomia e de se consolidar como tal em processo narrado para a história pela *Folha do Norte*.

O que – e como – foi dito?

Criado em 6 de outubro de 1866, o Museu Goeldi surge como Associação Philomática idealizada pelo pesquisador mineiro Domingos Soares Ferreira Penna.⁴ Em 1895, passa a funcionar na Rocinha⁵ da Estrada da Independência, atual Avenida Magalhães Barata, no bairro de São Braz, constituindo o atual parque Zoobotânico. O parque foi, por quase um século, a única base física do Museu Goeldi, concentrando as atividades de pesquisa, preservação, comunicação e educação. Só em 1980, atendendo à reivindicação de pesquisadores por mais infraestrutura, as atividades científicas migraram para o Campus de Pesquisa, no bairro da Terra Firme.

O parque Zoobotânico, então, passou a se dedicar especialmente a atividades educacionais, comunicacionais e museológicas e à recepção de visitantes no já tradicional passeio ao *Museu* nas manhãs de domingo. Por isso, para a maioria da população de Belém, o Museu se restringe ao parque. Assim como para a mídia impressa belenense, que confunde a instituição científica com o Zoobotânico, “tomando o parque pelo Museu como um todo”. (SEIXAS, 2000, p. 13). A mídia, afinal, converte trajetos históricos de sentido em discursos (GREGOLIN, 2007).

⁴ Para relatos sobre os primeiros anos do Museu Paraense Emílio Goeldi, ver Cunha (1974, 1989); Bassalo, Bastos e Toledo (2006); e Sanjad (2010).

⁵ Como eram denominados os casarões, geralmente com um pomar, comuns em Belém, durante o século XIX.

O que Seixas (2000) considera confusão caracteriza-se como prática discursiva equivalente à forma como a sociedade apropria-se do Museu Goeldi. Isso é reflexo da tradicional compreensão da população acerca da instituição, que tem no parque a base física de maior representatividade, configurando um discurso perceptível, também, na mídia belenense do começo do século XX.

Esse discurso metonímico é verificado nos jornais de Belém – PA desde a década de 1930. As edições da *Folha do Norte* de agosto a novembro de 1936 apresentam 42 textos sobre o Museu Goeldi, sendo 39 (92,5%) as notas abordando temas relacionados ao parque Zoobotânico, como funcionamento, visitação e manejo. Apenas três desses textos não tratam do parque, abordando temas de gestão, como pagamento de funcionários e coopera o institucional, e de atividades científicas, caracterizando cobertura de vertente político-institucional. Segue a tabela com o quantitativo do universo noticioso analisado neste trabalho, discriminado por ano e jornal:⁶

Tabela 1 – Número de notícias analisado conforme os anos do período estudado

Jornal	Período analisado					
	1936	1954	1955	1987	1988	1989
<i>Folha do Norte</i>	42	1	3	–	–	–
<i>A Província do Pará</i>	–	–	–	61	38	31
Total	176					

Fonte: Elabora o própria.

Na *Folha do Norte*, a precedência   do tema político-institucional

Além da publica o de pequenas notas sobre o parque Zoobotânico, a *Folha* publica também, em 1936, notícias com maior conteúdo, como “O Professor J. M. Hesketh e a crítica paulista”, composta de quatro parágrafos, a única, no período, a tratar das atividades científicas do Museu. Processo discursivo caracterizado pelo apagamento de outros sentidos ao dizermos algo, o silenciamento (ORLANDI, 1997) do jornal nesse quesito remete-nos

⁶ O período analisado, que envolve os meses de agosto a novembro dos anos mencionados, deve-se   celebra o do aniversário do Museu Goeldi nos meses de outubro, aumentando a possibilidade de publica o de notícias sobre a institui o nos jornais, e também   disponibilidade das edi oes na biblioteca pública Arthur Vianna para as décadas selecionadas.

a Cunha (1974), para quem o alto investimento no Zoobotânico, na década de 1930, foi equivalente a um baixo investimento no setor de pesquisas.⁷ No início da década de 1930, o Museu Goeldi encontrava-se em estado de “abandono e esquecimento” (CUNHA, 1989, p. 108) ensejado pelo fim da era Emílio Goeldi aliado à crise da borracha e à Primeira Guerra Mundial. Foi quando o advogado Carlos Estêvão de Oliveira assumiu a instituição designado por Vargas, com o intuito de revitalizá-la e, assim, dar visibilidade ao regime que viria a se constituir no Brasil como Estado Novo. (CUNHA, 1989; COSTA, 2014). Entretanto, para além das questões político-ideológicas, o investimento no parque fazia jus à missão de educação e comunicação que Penna vislumbrara para o Museu:

Ferreira Penna queria que o Museu Paraense fosse um instituto dedicado aos estudos científicos, tendo por base a História Natural e a Etnografia do Vale Amazônico. Mais ainda, divulgaria e mostraria o resultado das pesquisas através de exposições e conferências; serviria também para ministrar aulas de ciências naturais a alunos dos colégios e escolas e aos interessados, atraindo desse modo vocação para a ciência. (CUNHA, 1989, p. 25).

O Zoobotânico, portanto, estava em evidência na agenda institucional, e isso repercutiu na agenda midiática, com a publicação das 39 notas sobre o funcionamento e a visitação do espaço. O parque também é tema de duas notícias – cujo conteúdo é um pouco mais extenso que o das notas – publicadas na *Folha*, em 1936. A primeira delas, “Impressões de um cientista sobre o Museu Goeldi”, de 19 de outubro, apresenta relato com as impressões de funcionário do Museu Paulista sobre o Museu Goeldi, pautadas pela fauna. A flora do parque já é assunto da notícia “Museu Goeldi – A propósito de afirmações contidas num comunicado á *Folha*”, de 11 de novembro, a segunda a tematizar o Zoobotânico com conteúdo de maior fôlego.

Essa notícia é caracterizada pela resposta do então diretor, Estêvão, à denúncia feita à *Folha* de que o parque estava sendo alvo de vandalismo. Conforme explica o gestor no comunicado, o procedimento então realizado

⁷ Carlos Estêvão se empenhou no desenvolvimento da pesquisa no Museu Goeldi, na década de 1930, a exemplo da vinda de Curt Nimuendajú, “o maior etnólogo da época”, que enriqueceu as coleções etnológicas institucionais, além da publicação de volume sobre mamíferos baseado em estudos feitos a partir das coleções biológicas do Goeldi. (CUNHA, 1989, p. 112). O autor destaca o esforço de Estêvão para incrementar a equipe de pesquisadores, ao tempo que a instituição sobrevivia com recursos parcos do governo do Pará, o que fez o diretor sugerir a Getúlio Vargas o repasse de verbas federais ou mesmo a federalização do Museu, rechaçada pela postura regionalista de Magalhães Barata. (CUNHA, 1989). Esse relato corrobora a afirmação de que os museus são construções históricas e condicionadas pela atuação de diversos sujeitos. (CHAGAS, 2005).

consista na identificação, seguida do sacrifício, das espécies indesejáveis para o local:

Em 1914, a ciência, e, principalmente, o Museu, tivessem a grande desventura de perder o primeiro daqueles botânicos [Jacques Huber]. Depois, em 1918, por motivos diversos, o segundo [Adolpho Ducke] foi prestar os seus valiosíssimos serviços a outros estabelecimentos científicos. De modo que todo trabalho de selecção [da flora] que deveria ser feito, não se realizou, dando isso em resultado o atrofiamiento de certas arvores preciosas e a impossibilidade da plantação de inúmeras outras, por falta absoluta de espaço. (ESTÊVÃO, 1936, p. 3).

Nesse trecho, temos o testemunho não apenas da história do Museu, mas também da história da ciência no Pará, no Brasil e no mundo, considerando o prestígio científico dos sujeitos nele mencionados. No caso, o sacrifício de espécies vegetais ocasionou denúncias na mídia semelhantes às noticiadas na década de 1980. Em 5 de novembro de 1987, por exemplo, *A Província do Pará* denunciou a fuga acidental de felino de jaula do parque Zoobotânico na notícia “Onça sai da jaula e causa tumulto no Goeldi”.

Notamos, portanto, haver uma vigilância permanente da mídia sobre o parque, reflexo do interesse público e de um sentimento coletivo de posse que marca a relação da sociedade com esse espaço. (SEIXAS, 2000; SANJAD et al., 2012; BETLRÃO, 2013). É ilustrativo o depoimento do texto “Tumulto e invasão do Museu no Dia da Criança”, de 11 de outubro de 1988, que noticiou a confusão formada em frente do Zoobotânico quando os visitantes foram informados de que não poderiam usufruir do espaço no feriado em razão do fechamento para festa da Secretaria da Fazenda do Estado do Pará (Sefa): “É um abuso, um desrespeito ao povo, as crianças ficarem no meio da rua e não poderem penetrar num espaço que é seu, enquanto só uma minoria tem direito” (TUMULTO..., 1988, p. 10), disse uma das visitantes a *A Província*.

Se o parque foi o protagonista da cobertura jornalística sobre o Museu feita pela *Folha do Norte*, na década de 1930, ele some das páginas do jornal na década de 1950 para dar lugar a anúncio acerca da reconstrução da instituição, depois de um período de decadência ensejado pelo fim da gestão de Carlos Estêvão.

Uma reconstrução conduzida pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), após assinatura de convênio entre o então Conselho Nacional de Pesquisas⁸ e o Governo do Estado do Pará, em 1954,

⁸ Atual Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

vinculando administrativa e cientificamente o Goeldi ao Inpa por 20 anos. (CUNHA, 1989). Esse acontecimento predomina na cobertura da *Folha* sobre a instituição nos anos 1950, caracterizando a condição de produção discursiva (VERÓN, 2004) para o jornal nesse contexto.

Há uma diminuição brusca da presença do Museu nas páginas do jornal: de 42 textos coletados em 1936, passamos a apenas 4 em 1954 e 1955, diminuição que reflete a inércia do Goeldi à época. Cunha (1989) relata a decadência que assolou a instituição com o fim da gestão de Estêvão, em 1944, e com o advento da Segunda Guerra Mundial: “Só 10 anos depois, quando o Museu se encontrava completamente degradado, foi que o S.O.S. foi ouvido pelo Governo Federal, através do então Conselho Nacional de Pesquisas e Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia”. (CUNHA, 1989, p. 113-114).

Por isso, 3 dos 4 textos coletados em 1954 e 1955 tratam da reconstrução do Goeldi conduzida pelo Inpa, com títulos bem eloquentes: “Convênio para recuperação do Museu Emílio Goeldi”, de 3 de outubro de 1954 (a única notícia coletada para esse ano); “Nova fase do Museu”, de 10 de agosto de 1955; e “Volta o Museu ‘Emílio Goeldi’ à nova fase de esplendor”, de 4 de setembro de 1955. Assim, inicia esta última notícia, em tom característico da construção discursiva dos demais textos:

Como é do conhecimento público, em virtude do convênio assinado com o Governo do Estado, o Instituto de Pesquisas da Amazônia, que dispõe de recursos nos programas da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia, tomou a seu encargo a direção do Museu Paraense “Emílio Goeldi”. Essa instituição científica, que durante muitos anos não cumpria um programa de pesquisas, como durante a fase de esplendor que a tornou conhecida mundialmente, vem tendo as suas Divisões Técnicas reorganizadas graças à atividade da sua atual administração, que executa um trabalho planejado dentro das possibilidades orçamentárias. (FOLHA DO NORTE, 1955, p. 4).

A quarta – e última – notícia coletada para a década de 1950 já trata da visita de historiador do Museu Nacional (RJ) à instituição. Diz o texto, intitulado “Gustavo Barroso em Belém”, publicado na *Folha do Norte* de 19 de outubro de 1955:

A viagem dessa comitiva prende-se a velho preceito de excursionarem a diferentes partes do país os diplomandos do Museu Nacional. Em nossa capital os alunos chefiados pelo sr Gustavo Barroso terão oportunidade de aprender algo sobre a Amazônia, com a visita a empreenderem a instituições como o

Museu Goeldi, cujas importantes coleções lhes serão expostas. (FOLHA DO NORTE, 1955, p. 8).

A publicação dessa notícia à época de (mais) uma fase de ostracismo do Museu provoca uma reflexão sobre como as adversidades institucionais não afetaram a função “preservação” (CHAGAS, 1998) do Goeldi. Mais ainda, instiga-nos a reconhecer a importância da instituição no que se refere à produção de saberes científicos sobre a Amazônia. Importância reconhecida nacionalmente, inclusive pela equipe de estudiosos do Museu Nacional. Assim, vemos que a mídia impressa de Belém constitui-se em um testemunho da história institucional ao cobrir o dia a dia do Museu Goeldi, colocando-o em contato com a sociedade.⁹

Trinta anos depois, quando os contextos local, global e institucional já não eram mais os mesmos, ocasionando mudanças também nas condições de produção discursiva, o discurso midiático acerca do Museu muda de feição tanto no conteúdo quanto na forma. Na década de 1980, o Goeldi já adquirira independência em relação ao Inpa, alçado à categoria de instituto de pesquisa vinculado ao CNPq, e dispunha de uma assessoria de comunicação, destinada a mediar a relação com a imprensa.

Além disso, contava também com o jornal *Destaque Amazônia*, criado naquele mesmo ano, para divulgar os resultados de pesquisas institucionais. Essa consolidação do Museu possibilitou a consolidação, também, de uma política de comunicação, alterando as prioridades da agenda institucional.

Divulgação de ciência a partir de eventos em *A Província do Pará*

A cobertura de *A Província do Pará* sobre o Museu, nos anos de 1987, 1988 e 1989, tem foco na divulgação científica, principalmente em eventos realizados pelo Goeldi e/ou instituições parceiras. Os textos de *A Província* apresentam-se, também, com mais conteúdo quando comparados aos da *Folha*, chegando a ocupar, em alguns casos, mais da metade da página, a exemplo de “Pesquisadores discutem sobre política de saúde na Amazônia”, de 28 de novembro de 1989. Uma mudança houve, também,

⁹ “O surgimento da comunicação de massa, e especialmente o surgimento da circulação em massa de jornais no século XIX e a emergência da difusão por ondas no século XX, teve um impacto profundo no tipo de experiência e nos padrões de interação característicos das sociedades modernas. Para a maioria das pessoas hoje, o conhecimento que nós temos dos fatos que acontecem além do nosso meio social imediato é, em grande parte, derivado de nossa recepção das formas simbólicas pela mídia.” (THOMPSON, 2009, p. 285).

no aspecto físico do noticiário equivalente à mudança na forma de o jornal dizer ou na maneira de enunciar – na enunciação.¹⁰

Além disso, o espectro social dos sujeitos convocados para falar sobre o Museu Goeldi em *A Província* é mais amplo que o verificado na *Folha do Norte*. Nesse jornal, as fontes jornalísticas pertencem, basicamente, aos campos científico e político, enquanto em *A Província*, representantes do campo empresarial e de etnias indígenas também são acionados. Ademais, o número de 46 textos coletados na *Folha* aumenta para 130 na análise da cobertura de *A Província*, sendo que quase a metade – 55 deles, 42% do total – trata de eventos. Temática hegemônica nas mídias impressas local e nacional também no final da década de 1990 e início dos anos 2000, conforme constataram Seixas (2000) e Morais (2013b), respectivamente, o que indica a manutenção da enunciação midiática sobre o Goeldi na virada do século XX para o século XXI.

Cursos, palestras, encontros, mostras de vídeo, exposições e simpósios predominaram na cobertura dos anos 1980, em que *A Província* enfatizou o I Simpósio Regional de Documentação Empresarial, promovido pelo Museu Goeldi com a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e a Federação das Indústrias do Pará (Fiepa). Esse evento começou a ser anunciado em *A Província*, em setembro de 1987, e foi tema de, pelo menos, seis textos publicados no segundo semestre desse ano. Essa cobertura revela uma cooperação entre os campos científico e empresarial:

Parte-se da premissa que as empresas e os próprios empresários têm muitas informações importantes, de vivo interesse para a comunidade, tornando-se, assim, matéria-prima para pesquisadores e interessados.

O evento vai propiciar debate acerca da importância e significado da História; da documentação das empresas e da produção social, contribuindo dessa forma para a recuperação e conhecimentos históricos. (*A PROVÍNCIA DO PARÁ*, 1987, p. 10).

Logo, o Museu Goeldi se dispôs a fazer pesquisa histórica onde, geralmente, a ciência não costuma ir e com quem, tampouco, costuma dialogar: o empresariado. Representantes de universidades e de outros institutos de pesquisa, regionais e nacionais, também participaram do simpósio: CNPq, UFPA e Instituto Histórico e Geográfico do Pará. De 20

¹⁰ “É apenas através da enunciação que a língua toma contato com a comunicação, imbuí-se de seu poder vital e torna-se uma realidade. As condições de comunicação verbal, suas formas e seus métodos de diferenciação são determinados pelas condições sociais e econômicas da época”. (BAKHTIN, 1995, p. 154). Tal contexto está diretamente relacionado, assim, ao que Verón (2004) chama de “condições sociais de produção do discurso”.

de outubro de 1987, o texto “Aberto I Simpósio Regional de Documentação Empresarial” destaca também a participação dos dirigentes da Fiepa.

É assim que a mídia impressa de Belém estende, para além do campo científico, o espectro de vozes legitimadas a falar sobre a instituição e, consequentemente, constituir e consolidar uma memória coletiva (POLLAK, 1989) em torno do Museu. As fontes de informação jornalísticas se diversificam nesse intervalo de 50 anos, assim como o papel desempenhado pelo Goeldi na sociedade, então voltado à democratização dos resultados de pesquisas institucionais. A função de comunicação (CHAGAS, 1998) passa a ser priorizada.

Outro evento merecedor de maior atenção por parte de *A Província do Pará* foi a exposição sobre a etnia *Mebêngôkre*, como se autodenominam os indígenas *Kayapó*, e resultante do “Projeto de Etnobiologia Kaiapó”, desenvolvido por pesquisadores brasileiros, norte-americanos e alemães, conforme relatado na notícia “Exposição mostra a realidade dos Mebengokre”,¹¹ de 29 de agosto de 1987. Assim, informações provenientes das pesquisas institucionais subsidiaram a elaboração da exposição¹² com o intuito de democratizá-las para um público maior, que acaba ampliado também graças ao relato jornalístico do evento feito por *A Província*.

A cobertura do jornal destaca a autorização concedida ao Museu pela Fundação Nacional do Índio (Funai) para que integrantes da etnia *Kayapó* participassem da exposição, que marcou a inauguração da segunda fase das obras de recuperação da instituição, tal qual ocorrera na década de 1950 (*A PROVÍNCIA DO PARÁ*, 1987, p. 4). Além de apresentar para os leitores a informação principal, esse texto acaba delimitando um período importante da vida institucional, caracterizado pelo projeto de recuperação do Museu conduzido pelo diretor, Guilherme de La Penha.

Leitura da cobertura de *A Província* para além das notícias sobre eventos revela que, ao tempo de finalização de mais um projeto de recuperação do Museu, com reformas no Parque Zoobotânico e no Campus de Pesquisa e com investimentos em infraestrutura e em recursos humanos (*A PROVÍNCIA DO PARÁ*, 1987, p. 11), gestores e cientistas discutiam a instalação de uma Secretaria de Política de Ciência & Tecnologia no Pará e a elaboração de uma política de Ciência & Tecnologia para a Amazônia (*A PROVÍNCIA DO PARÁ*, 1989, p. 11).

¹¹ Mantemos a grafia utilizada nos jornais.

¹² Configurando uma prática de divulgação científica, de acordo com Bueno (2010), que serve como matéria-prima (portanto, informação) para elaboração de uma notícia que também se configura como prática de divulgação científica. Constatamos, assim, novamente, a reverberação da agenda institucional na agenda midiática.

Isso auxiliaria na consolidação de uma identidade e de uma autonomia não só para a região, mas também para o próprio Goeldi. É ilustrativo o depoimento concedido à imprensa pelo diretor da instituição à época, Guilherme de La Penha:

Por falta de uma secretaria que venha a abranger Ciência e Tecnologia além de Meio Ambiente, o Pará tem sido explorado sem que haja um órgão que, *a priori*, trace as políticas. Os grandes projetos são implantados no Pará, sem se saber exatamente quais são os benefícios que esses projetos trazem, na área de mineração, principalmente, e na área de exploração de madeira. Então é preciso que o governo tenha um órgão que possa dizer antecipadamente, ou traçar *a priori*, uma rotina de implantação desses projetos e que também esteja apto, este órgão, a discutir no ponto de vista não técnico, a implantação de projetos de grandes hidrelétricas (A PROVÍNCIA DO PARÁ, 1987, p. 11).

A instalação dessa secretaria, inclusive, foi acompanhada bem de perto por La Penha.¹³ O texto “La Penha fala sobre Goeldi e Secretaria de Ciência”, de onde foi extraído o excerto acima, aborda a política de Ciência & Tecnologia (C&T) a partir da cobertura de uma coletiva de imprensa; portanto, caberia também no bloco temático voltado a eventos. Fica nítido, assim, o diálogo entre as coberturas de vertente político-institucional, das décadas de 1930 e 1950, e de eventos/divulgação científica da década de 1980. Ambas tratam da vida da instituição, que, ao ganhar registro do jornalismo, ganha também registro para a história. (BARBOSA, 2012).

Do bloco temático “Eventos”, emerge um sentido dicotômico, que enreda a Amazônia desde que a região se entende como tal: a segregação entre seres humanos e natureza. (DUTRA, 2009; LOUREIRO, 2001). Um reflexo da agenda de pesquisa do Museu Goeldi instituída no final do século XIX por Emílio Goeldi e ainda hoje em vigência, se baseava nas Ciências Humanas (Antropologia, Arqueologia e Linguística) e Ciências Naturais (Zoologia, Botânica e Geologia).

Eventos da área das Humanidades aparecem entremeados com outros da área das Ciências Naturais na cobertura feita por *A Província*, no mês de setembro de 1987, quando saíram as seguintes notícias: “Cursos sobre plantas medicinais”, dia 2; “Palestra sobre pesca na Amazônia”, dia 2;

¹³ O Museu esteve à frente, por exemplo, de inventários biológicos e arqueológicos realizados para salvaguarda do patrimônio natural e material, testemunhos de nossos ancestrais e de uma diversidade biológica perdidos com a inundação causada pela construção de hidrelétricas na Amazônia na década de 1980, como a de Tucuruí e a de Curuá-Una. A cobertura jornalística desse processo consta do jornal institucional *Destaque Amazônia* e o título de uma dessas notícias é bem eloquente: “Tucuruí, a fauna sob as águas”. (SILVA JÚNIOR, 2013).

“Goeldi realiza simpósio [empresarial] inédito”, dia 8; “Belém sediará simpósio [empresarial] inédito do Goeldi”, dia 11; “Semana da Árvore tem programação”, dia 17; “História empresarial tem simpósio”, dia 19; “Passeata ecológica abre Semana da Árvore”, dia 22; “Núcleo de Biologia Humana do Goeldi promoverá cursos”, dia 24; e “Garotos do Projeto Grama montam exposição no Museu”, dia 30.

Os eventos e a divulgação científica deram o tom da cobertura tanto no final da década de 1980 como no final da década de 1990 (SEIXAS, 2000) e também no começo do século XXI. (MORAIS, 2013a, 2013b). Em estudo sobre as coberturas jornalísticas sobre a Arqueologia da Amazônia e sobre a produção científica do Museu feito para o começo dos anos 2000, Morais afirma:

A análise revela ainda uma cobertura marcada, em vários momentos, pelo factual. A realização de vários eventos, seja para apresentação de resultados de pesquisas, seja para lançamentos de programas, projetos e produtos resultantes da pesquisa, deram a tônica da cobertura sobre a produção científica do Museu Goeldi no período de 2000 a 2004. (2013b, p. 263).

Portanto, diferentemente do relato jornalístico feito pela *Folha do Norte*, no início do século XX, acerca do Museu, a cobertura do final dos anos 1980 em *A Província* tem caráter factual. Uma maneira diferente de contar a história do Goeldi, equivalente à mudança na maneira de enunciar. Uma mudança não apenas no que foi dito, mas em como foi dito, diretamente relacionada à agenda institucional, que passa a priorizar a comunicação no final do século XX, decorrente da maneira de o Museu Goeldi atuar na sociedade e se apresentar à população. Isso, no entanto, só foi possível graças aos processos de construção e reconstrução institucionais relatados nas décadas de 1930 e 1950 pela *Folha*.

Museu e comunicação de ciência na Amazônia

O processo comunicacional é o lugar onde os sujeitos não apenas dizem, mas também assumem papéis sociais. (FRANÇA, 2001). Assim, quando adquire autonomia em relação ao governo do Pará e ao Inpa, em um processo de consolidação institucional, o Museu passa a enfatizar a função de comunicação, conforme descrita em Chagas (1998), fazendo jus ao papel social almejado por Ferreira Penna para a instituição no final do século XIX: pesquisa, preservação, comunicação e educação (CUNHA, 1989).

Não é mera coincidência ou apropriação equivocada da população o entendimento e a supervalorização do parque Zoobotânico como sendo o Museu. Essa percepção resulta, também, da dimensão que a instituição dá ao patrimônio físico e à criação de infraestrutura para o desenvolvimento de suas atividades-fim: a pesquisa científica e a comunicação pública da Ciência. Assim, apresentamos, neste trabalho, dois momentos do Museu no século XX e dois contextos diferentes de produção discursiva, que engendram formas distintas de o jornalismo reportar um cotidiano para a história.

O que se busca com o estudo da cobertura jornalística é, igualmente, identificar a dimensão institucional por meio das notícias ou, ainda, a maneira como a imprensa retrata e se reporta ao Museu. Este estudo reforça a importância do jornal como fonte documental e dá continuidade ao projeto “Ciência e Sociedade: Comunicação e Educação para a Preservação Ambiental e Cultural na Amazônia Oriental Brasileira”, desenvolvido no Museu Goeldi entre 2002 e 2009. (BELTRÃO, 2013). Assim, ao estudar, nos registros midiáticos, a história da instituição, estudamos, também, parte da história da Ciência na Amazônia, no Brasil e no mundo.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BARBOSA, Marialva Carlos. Cenários de transformação: jornalismo e história no século XX. *Famecos: Mídia, Cultura e Tecnologia*, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 458-480, maio/ago. 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/12324>>. Acesso em: 2 abr. 2016.

BASSALO, Crispino; BASTOS, Vera; TOLLEDO, Peter Mann de. *As origens do Museu Paraense Emílio Goeldi: aspectos históricos e etnográficos (1860-1921)*. Belém: Paka-Tatu, 2006.

BELTRÃO, Jimena Felipe (Org.). *Pesquisa em comunicação de ciência na Amazônia oriental brasileira: a experiência recente no Museu Paraense Emílio Goeldi*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2013.

BRANDÃO, Helena Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. rev. 3. reimp. Campinas: Unicamp, 2007.

BUENO, Wilson Costa. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. *Informação & Informação*, Londrina, v. 15, n. esp., p. 1-12, 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/6585/6761>>. Acesso em: 9 mar. 2016.

CHAGAS, Mário de Souza. Museu, museologia e pensamento social brasileiro. *Cadernos do CEOM*, Chapecó, v. 18, n. 21, p. 13-44, jun. 2005. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/153>>. Acesso: 2 jan. 2017.

_____. Fala de Mário Chagas. In: SEMINÁRIO SOBRE MUSEUS-CASAS: COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO, 2., 1996, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Fundação Casa de Ruy Barbosa, 1998. p. 47-51. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=23&ID_M=1207>. Acesso em: 23 jan. 2017.

COSTA, Rafaela Paiva. Carlos Estevão de Oliveira e o Museu Paraense Emílio Goeldi (1930-1945). *História da Ciência e Ensino: construindo interfaces*, São Paulo, v. 10, p. 39-59, 2014. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/hcensino/article/view/20840>>. Acesso em: 24 jan. 2016.

CUNHA, Osvaldo. *Talento e atitude: estudos biográficos do Museu Emílio Goeldi*, I. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1989.

_____. 108º Aniversário do Museu Paraense “Emílio Goeldi”. *Revista de Cultura do Pará*, Belém, v. 4, ns. 16- 17, p. 151-173, jul./dez. 1974.

DUTRA, M. S. *A natureza da mídia: os discursos da TV sobre a Amazônia, a biodiversidade, os povos da floresta*. São Paulo: Annablume, 2009.

FRANÇA, Vera. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê? *Ciberlegenda*, Rio de Janeiro, n. 5, 2001. Disponível em: <<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/314/195>>. Acesso em: 8 out. 2013.

GREGOLIN, M. R. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 11-25, nov. 2007. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/105>>. Acesso em: 5 ago. 2016.

LEITE, Rose Aylce Oliveira. *Difusão da ciência moderna em instituições de ciência e tecnologia: um estudo de caso: o Museu Paraense Emílio Goeldi*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.

LOUREIRO, J. J. P. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. São Paulo: Escrituras, 2001.

MORAIS, Maria Lúcia Sabaa Srur. A cobertura jornalística sobre a arqueologia da Amazônia. In: BELTRÃO, J. (Org.). *Pesquisa em comunicação de ciência na Amazônia oriental brasileira: a experiência recente no Museu Paraense Emílio Goeldi*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2013a. p. 163-220.

_____. A cobertura jornalística sobre a produção científica do Museu Paraense Emílio Goeldi. In: BELTRÃO, J. (Org.). *Pesquisa em comunicação de ciência na Amazônia oriental brasileira: a experiência recente no Museu Paraense Emílio Goeldi*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2013b. p. 223-282.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1997.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2016.

SANJAD, Nelson. *A coruja de Minerva: o museu paraense entre o império e a República (1866-1907)*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus; Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2010.

_____. et al. Documentos para a história do mais antigo jardim zoológico do Brasil: o Parque Zoobotânico do Museu Goeldi. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 7, n. 1, p. 197-258, jan./abr. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222012000100013&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 3 nov. 2016.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. O museu Goeldi nos jornais de Belém: uma instituição de pesquisa ou um parque encantado? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 23., 2000, Manaus. *Anais...* Manaus: Intercom, 2000. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/3587f9353bf30217f2e90e156ce67925.pdf>>. Acesso em: 2 abr. 2016.

SILVA JÚNIOR, Antônio Carlos Fausto da. A comunicação pública da ciência no museu Emílio Goeldi: temas, atores e discursos presentes no jornal Destaque Amazônia. In: BELTRÃO, J. (Org.). *Pesquisa em comunicação de ciência na Amazônia oriental brasileira: a experiência recente no museu Paraense Emílio Goeldi*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2013. p. 285-319.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

VERÓN, Eliseo. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2004.

Textos jornalísticos

AMAZÔNIA terá política de Ciência & Tecnologia. *A Província do Pará*, Belém, 3 set. 1989, p. 14.

ESTÊVÃO, Carlos. Museu Goeldi: a propósito de afirmações contidas num comunicado á Folha. *Folha do Norte*, Belém, 11 nov. 1936, p. 3.

GOELDI realiza simpósio inédito. *A Província do Pará*, Belém, 8 set. 1987, p. 10.

GUSTAVO Barroso em Belém. *Folha do Norte*, Belém, 19 out. 1955, p. 8.

ÍNDIOS vão participar da exposição do Museu Goeldi: Funai já autorizou. *A Província do Pará*, Belém, 13 ago. 1987, p. 4.

LA PENHA fala sobre Goeldi e Secretaria de Ciência. *A Província do Pará*, Belém, 3 out. 1987, p. 11.

TUMULTO e invasão do Museu no Dia da Criança. *A Província do Pará*, Belém, 11 out. 1988, p. 10.

VOLTA o Museu “Emílio Goeldi” à nova fase de esplendôr. *Folha do Norte*, Belém, 4 set. 1955, p. 4.